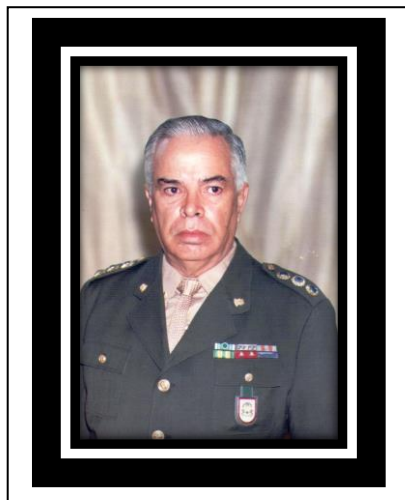


Jornal Ombro a Ombro

Novembro de 1992 p.5

Escola Militar da Praia Vermelha (1856-1904)



Coronel Cláudio Moreira Bento

Depois da Guerra do Paraguai, em 1874 foi introduzido na Escola Militar da Praia Vermelha currículo distorcido, voltado mais para a formação de bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas e Engenheiros do que para soldados especializados em Arte e Ciência Militar, a serviço da defesa do Brasil. Aspecto equivocado que ainda foi mais priorizado com o currículo de 1890, implantado na Praia Vermelha pelo Ministro da Guerra Ten.Cel. e Dr. Benjamin Constant que havia introduzido o Positivismo na Escola Militar através da cadeira de Sociologia e, com ele o agnosticismo, numa instituição até há pouco Católica Apostólica Romana.

A correção desta distorção só seria feita 31 anos depois, com a adoção do currículo de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo para o profissionalismo militar. Este voltado para o estudo da Arte e Ciência Militar Terrestre, a serviço da segurança interna e externa do Brasil e instrumento de exercício da soberania nacional e não para a Engenharia, para o exercício, por oficiais nela formados, de funções civis divorciadas da Defesa Nacional.

De 1873-1905. a juventude militar da Praia Vermelha foi bastante politizada e passou a atuar e influenciar nas grandes questões do período: Questão Militar; criação do Clube Militar, eventos que criaram condições para o Exército acelerar a Abolição e, em seguida proclamar e consolidar a República.

Mas o ânimo, idealismo e pureza dos jovens militares continuaram a ser explorados por políticos de dentro e fora da Escola Militar e, assim foram em parte participar da frustrada e absurda Revolta da Vacina Obrigatória da Praia Vermelha, em 1904. Em conseqüência, a Escola Militar foi fechada e a seguir extinta e novo currículo foi implementado de 1906- 11 na então criada Escola de Guerra de Porto Alegre, nome para que não deixasse dúvidas que se destinava a formar oficiais especialistas em Arte e Ciência Militar e não engenheiros que deviam ser formados em universidades civis.

O equívoco do ensino na Praia Vermelha, de 1873-1904, foi comprovado na Guerra de Canudos da qual os doutores e bacharéis por ela formados estiveram expressivamente ausentes e teve o Exército de recorrer à mobilização de civis, com alguma experiência em revoluções e que foram comissionados oficiais. Atribuo a este ensino militar equivocado e

aos que o implantaram (até com as melhores intenções), em parte o morticínio inútil e cruel de irmãos brasileiros que se debateram nos dois lados, na Guerra de Canudos. O currículo de 1874 decretou a morte do desenvolvimento, em curso, da Doutrina do Exército que atingiu em 1896, em Canudos, padrões operacionais bem abaixo dos da Guerra do Paraguai. Canudos teve grande influência no futuro do Exército e provocou um grande processo de crítica e, em consequência uma postura que até hoje persiste, ou seja, a da profissionalização de seus integrantes em todos os níveis. em Arte e Ciência Militar a serviço da Segurança Nacional.

Desta revisão decorreu o processo chamado Reforma Militar 1898-1945, na qual o Exército, graças a um hercúleo e prolongado esforço, evoluiu dos baixos padrões operacionais revelados em Canudos, aos revelados por sua Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália, onde esta força fez boa figura ao lutar contra ou em aliança com frações expressivas dos melhores exércitos do mundo presentes na Europa na Segunda Guerra Mundial, tendo inclusive capturado duas divisões inimigas em Colechio Fomovo, numerando mais de 20.000 homens com respectivos armamento e material.

A Escola Militar da Praia Vermelha criada em 1857 pelo atual Duque de Caxias teve duas fases. A 1ª, 1857-73, a profissional militar, que por mais de 15 anos formou oficiais com grande capacidade em Arte Militar e que lideraram nossos soldados à vitória na Guerra do Paraguai. A 2ª, a do bacharelismo militar, que durou mais de 30 anos e foi marcada pela influência do Positivismo – religião da Humanidade e agnóstico, numa instituição tradicionalmente e até 1889 oficialmente Católica, além de agitada por questões políticas e sociais: Questão Militar; Abolição; República; Revolta da Vacina etc. Foi uma fase romântica, bonita e a que mais marcou através da literatura, cheia de gestos belos e marcantes, mas que, numa macro visão, não correspondeu ao que dela esperava a nação, como instituição destinada a formar soldados, mas que foi desviada de sua finalidade -a defesa nacional. Chamo a atenção para este aspecto a reflexão de qualquer brasileiro responsável. Em realidade para a consecução deste objetivo de procurar proporcionar ao povo brasileiro o melhor grau de segurança possível, como a sua expressão armada, o Exército desde 1822 enfrentou sérios percalços. Por exemplo: Por longos anos o exército encontrou forte incompreensão dos bacharéis de Direito ao seu desenvolvimento racional, dentro do possível, em Arte e Ciência Militar. Ao contrário, como cientistas jurídicos não souberam ou não quiseram entender que eles não entendiam de Arte e Ciência Militar como os militares não entendiam de Ciência Jurídica como hoje. E desta divergência tem origem no Brasil as alternâncias do predomínio “direito da Força” e “da força do Direito”. Constatar isto é obra de simples raciocínio e verificação! Quem não conhece sua História corre o risco de repeti-la afirmou Santaiana. Oxalá os juristas com sua Ciência Jurídica e os militares com sua Arte e Ciência Militar ajudem a construir para os brasileiros um Brasil mais justo e perfeito e mais seguro. E parece que este tempo chegou!

(Depoimento atendendo a gentil convite da universitária de História Adriana Barreto de Souza para sua tese sobre a Escola Militar da Praia Vermelha).

**Cláudio Moreira Bento-Historiador Militar e Jornalista, membro dos Institutos de Geografia e História Militar do Brasil e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.*